



Prot. N. 00824/15

T Curia Generalis
Fratrum Minorum
Capuccinorum

DISPOSTOS A DOAR-SE ATÉ O FIM

Carta circular por ocasião da beatificação de 26 capuchinhos em Barcelona, em 21 de novembro de 2015

A TODOS OS FRADES DA ORDEM
ÀS IRMÃS CLARISSAS CAPUCHINHAS

Caros confrades e coirmãs

Chegam-nos quase diariamente notícias de cristãos assassinados, especialmente no Oriente Médio, unicamente pelo motivo de sua pertença à religião cristã. São fatos que nos aterrorizam. Perguntamo-nos como é possível que isso aconteça ainda em nossos dias? Trata-se realmente de fatos inaceitáveis, mas talvez esqueçamos muito facilmente que coisas semelhantes aconteceram na Espanha, por exemplo, há menos de cem anos, e que entre as vítimas daquela perseguição figuram também muitos frades capuchinhos.

2. A Ordem participa com intensa proximidade dos frades da Província capuchinha da Catalunha à celebração de beatificação de 26 de seus filhos, mortos em ódio à fé durante a guerra civil (1936-1939). No próximo 21 de novembro, na catedral de Barcelona, às 11h30, a Igreja proclamará beatos Fr. Frederic de Berga e 25 companheiros no martírio. Alegremo-nos e agradeçamos o Senhor!

O contexto histórico

3. A Província da Catalunha celebrara o Capítulo provincial de 13 a 16 de julho de 1936. Já durante

esse Capítulo, falou-se da possibilidade de que se deflagrasse alguma espécie de revolta, com incêndios de igrejas e assassinatos de sacerdotes, como já havia ocorrido em outros lugares. Buscou-se de se colocar a salvo junto a amigos as alfaias mais preciosas e os objetos sacros. Cada convento, além disso, tinha uma lista de pessoas próximas aos frades, dispostas a acolhê-los. Dessa forma, quando iniciou a perseguição, logo após o estopim da Guerra Civil, os frades se dispersaram e foram acolhidos por familiares e amigos. Os lugares nos quais os frades encontraram refúgio podiam dar segurança por alguns dias ou, no máximo, por algumas semanas, como se pensava que pudesse durar a turbulência, não certamente pelos dois anos e meio, o quanto deveria durar a clandestinidade e a perseguição e a caça a quem fosse sacerdote ou religioso.

4. Não foram as autoridades da República que perseguiram os religiosos. Naqueles primeiros meses de guerra, a retaguarda republicana permaneceu sob o poder dos comitês revolucionários anarquistas, que se apoderaram do decurso sem que alguém os impedisse. Os nossos frades, em geral, sempre mantiveram uma postura dialogante com a República. Além do mais, na Catalunha, eram particularmente amados pela sua sintonia com a “Renaixença”, o movimento de redescoberta e de renascimento da identidade catalã do fim do século XIX e dos inícios do século XX. Todavia,

justamente este constituiu um agravante para alguns revolucionários, os quais consideravam a própria República e o amor à própria terra e cultura como características burguesas que deviam ser erradicadas, como a religião.

5. A perseguição não foi simplesmente obra de pessoas descontroladas. Havia instruções bem precisas para se procurar e suprimir os religiosos. Foram feitas buscas em muitas casas particulares. Alguns destes mártires precisaram fugir de uma casa para outra, sem poder encontrar o refúgio seguro. No caso de Fr. Martí de Barcelona, historiador que tinha estudado em Lovaina e autor de estudos sobre São Francisco e Raimundo Lullo, os revolucionários capturaram toda a família e, sob ameaça de morte, conseguiram com que os familiares revelassem onde se encontrava. Outros, como Fr. Vicenç de Besalú, tiveram que dormir ao ar livre por muitos dias.

6. Eis o elenco dos frades capuchinhos dos quais foi reconhecido o martírio e serão beatificados:

- Fr. Frederic de Berga (Martí Tarrés Puigpelat)
- Fr. Modest de Mieres (Joan Bover Teixidó)
- Fr. Zacaries de Llorenç del Penedés (Sebastià Sonet Romeu)
- Fr. Remigi del Papiol (Esteve Santacana Armengol)
- Fr. Anselm d'Olot (Laurentí Basil Matas)
- Fr. Benigne de Canet de Mar (Miquel Sagré Fornaguera)
- Fr. Josep de Calella de la Costa (Joan Vila Colomé)
- Fr. Martí de Barcelona (Jaume Boguñá Casanova)
- Fr. Rafael Maria de Mataró (Francesc de Paula Soteras Culla)
- Fr. Agustí de Montclar de Donzell (Josep Alsina Casas)
- Fr. Doroteu de Vilalba dels Arcs (Jordi Sampé Tarragó)
- Fr. Alexandre de Barcelona (Jaume Nájera Gherna)
- Fr. Tarsici de Miralcamp (Josep Vilalta Saumell)
- Fr. Vincenç de Besalú (Julià Gebrat Marcé)
- Fr. Timoteu de Palafrugell (Jesús Miquel Girbau)
- Fr. Miquel de Bianya (Pelai Ayats Vergés)
- Fr. Jordi de Santa Pau (Manuel Collellmir Senties)
- Fr. Bonaventura de Arroyo Cerezo (Tomás Díaz Díaz)
- Fr. Marçal del Penedès (Carles Canyes Santacana)
- Fr. Eudald d'Igualada (Lluís Estruch Vives). O mais jovem, tinha apenas dezoito anos
- Fr. Pacia Maria de Barcelona (Francesc Maria Colomer Presas)
- Fr. Àngel de Ferreries (Josep Coll Martí)

Fr. Cebrià de Terrassa (Ramon Gros Ballvé)

Fr. Eloi de Bianya (Joan Ayats Plantalech)

Fr. Prudenci de Pomar de Cinca (Gregori Charlez Ribera)

Fr. Félix de Tortosa (Joan Bonavida Dellà)

Vamos conhecer alguns destes frades mais de perto.

7. **Fr. Frederic de Berga**, que é o primeiro na lista, foi guardião, missionário na América Central e Provincial por um triênio. O Bispo de Vic tinha se referido a ele como “o pregador mais apostólico” que havia na sua diocese. No início da revolução, era guardião no convento de Arenys. Após ter se escondido por alguns dias nos montes, chegou a Barcelona e participou ativamente da rede clandestina da Igreja que estava se formando. Pouco antes da morte, em fevereiro de 1937, calculava de ter distribuído, sempre com perigo de vida, cerca de 1200 comunhões. Celebrava a Eucaristia em casas particulares, onde se reuniam pequenos grupos de fiéis, fazendo uso da permissão da Santa Sé de celebrar sem ornamentos nem vasos sagrados. Foi descoberto durante uma busca na casa onde tinha sido acolhido.

8. **Fr. Eloi de Bianya** é talvez a figura mais amada de todo o grupo dos mártires. Era irmão porteiro do convento de Sarriá. O pai de um frade atual, que o conheceu, havia se referido a ele como “o homem que menos me falou e mais me comunicou”. Foi acolhido na casa do Sr. Maurici Serrahima, vizinho do convento, que em suas memórias deixou esta belíssima descrição: “Muito se falou sobre Fr. Eloi, e com razão. (...) Tinha em seu rosto um sorriso bom e ao mesmo tempo docemente irônico. (...) Era uma figura de homem agradável de se ver e de se ter por perto. As simpatias que tinha suscitado na portaria do convento eram imensas, e todos o conheciam. Sorria e sabia fazer alguma brincadeira quando era conveniente. Mas nele devia existir uma vida interior muito intensa, da qual devia provir o equilíbrio em tudo. Não incomodava e não fazia barulho. Não falava se não lhe falassem. E, quando falava, fazia-o com uma suavidade que desejava ser apenas discreta, mas frequentemente acabava sendo impressionante. Não uma palavra de lamentação nem de protesto. Durante a sua permanência em nossa casa, jamais falou de vingança, melhor, nem mesmo de fazer justiça. ‘Estes homens, (dizia, referindo-se àqueles que se lançaram na loucura dos incêndios e dos assassinatos) são boa gente. Sofreram muito, passaram muitos apertos e humilhações. Estou certo de que foram fiéis à esposa, lutaram pela própria família. O que estão fazendo agora é

a primeira má ação que fazem. E o fazem porque são convictos de que assim melhorarão o destino dos pobres. Nós os encontraremos no céu...'. Não garanto que tenha dito literalmente estas palavras. Mas com certeza sei que era isso que elas significavam quando me falava". Fr. Eloi foi preso na estação ferroviária junto a três outros frades quando tentava partir à sua cidade natal.

9. Entre os jovens estudantes assassinados, pode-se evidenciar **Fr. Marçal de Villafranca**, o mais jovem de quatro irmãos frades. Tinha dezenove anos. Após duas buscas dos revolucionários que estavam procurando seus irmãos mais velhos, a família decidiu transferir-se a um outro bairro, mas uma vizinha seguiu-os e denunciou-lhes ao comitê da zona e foram presos. Despedindo-se da mãe, disse: "Mãe, não sofra pelo que pode me acontecer. A minha consciência está em paz com Deus".

10. **Fr. Modest de Mieres** e **Fr. Ángel de Ferrieres** eram um teólogo idoso e um jovem frade leigo que se refugiaram na casa de um outro frade, próximo ao convento de Sarriá. A casa foi submetida a várias buscas, durante as quais eles se passaram por parentes da família. Fr. Ángel poderia ter escapado, mas não quis abandonar Fr. Modest e um outro frade enfermo, acamado. Fr. Modest compôs uma oração que juntos recitavam todos os dias: "Neste momento e certamente na hora da morte, se não me encontrar em circunstâncias adequadas, com o auxílio da divina graça, que humildemente tenho confiança que concedereis, aceito, ó meu Deus, voluntariamente, com todo o prazer, humildemente e de todo coração, aquela morte que quiserdes enviar-me. Qualquer que seja, uno a minha morte à morte santíssima de nosso Senhor Jesus Cristo, que, neste momento, está se renovando no santo sacrifício da Missa, e assim unida, eu a ofereço, ó meu Deus, suplicando-vos humildemente que vos digneis aceitá-la benignamente, apesar de minha pequenez e miséria, em relação à morte de nosso Senhor Jesus Cristo, pela remissão de todas as minhas culpas e pecados, e das culpas e pecados de todos os homens". Finalmente, denunciados por alguns vizinhos, foram presos e assassinados nas proximidades do convento.

11. Alguns dos novos mártires foram missionários: Fr. Anselm d'Olot e Fr. Benigne de Canet estiveram em Caquetá (Colômbia); Fr. Zacaries de Llorenç concluiu seus estudos em Pasto (Colômbia) e foi ordenado sacerdote em Bogotá; Fr. Remigi del Papiol esteve em Manila (Filipinas), no vicariato de Bluefields (Nicarágua) e na Costa Rica; e Fr. Frederic de Berga esteve na Costa Rica.

12. Dos 26 que são beatificados nesta ocasião, 17 morreram entre julho e agosto. Em seguida, a perseguição começou a perder intensidade. O último a morrer foi Fr. Frederic de Berga, em 16 de fevereiro de 1937. Em maio de 1937, o governo da República assumiu o controle da situação de Barcelona, e os assassinatos praticamente cessaram. Apesar disso, a Igreja continuou a viver na clandestinidade até o fim da guerra em 1939.

O papel de familiares e amigos

13. Juntamente com o heroísmo dos mártires, é de se evidenciar o das famílias que acolheram, a eles e a outros que sobreviveram à perseguição, em suas casas, com o risco da própria vida. Houve casos de pessoas assassinadas por terem acolhido em suas casas um sacerdote ou um religioso, todavia, não entre aquelas que acolheram os nossos frades. Em alguns casos, certamente foram presos por algumas horas ou dias membros das famílias que tinham acolhido, mas no fim foram sempre liberados. Num primeiro momento, estas famílias eram de pessoas muito próximas aos conventos. Mas, em seguida, teve-se que recorrer a outros amigos ou amigos de amigos, os quais também se prestaram generosamente, por amor aos frades e à Igreja, a dar acolhida, mesmo conscientes do risco que isso acarretava. Às vezes, nas famílias se ensinou às crianças de casa a chamar o frade de "avô" ou "tio", cada vez que aí entrava um desconhecido. Houve um caso no qual um dirigente anarquista tomou sob sua proteção um frade que havia sido preso pelo simples fato de estar rezando discretamente o rosário num lugar público.

Dispostos a doar-se até o fim

14. Estes nossos irmãos eram conscientes do que lhes podia acontecer. Buscaram proteção aqui e ali, lembrando-se do que afirma Jesus no Evangelho de Mateus (10, 23): "Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra", mas quando o momento da prova se apresentou de forma séria, eles não arredaram, e deram seu supremo testemunho. Pergunto-me se nós hoje, como frades capuchinhos, temos a mesma consciência e disponibilidade para doar, se necessário, a nossa vida por Cristo, se se apresentasse aquilo que Hans Urs von Balthasar chamava: "O caso sério"?¹

15. Parece-me justo pôr-nos esta pergunta, pois

¹ Cordula oder der Ernstfall, Johannes 41987

todos corremos o perigo denunciado por São Francisco na VI Admoestação:

“Consideremos, irmãos todos, o bom pastor, que para salvar suas ovelhas sofreu a paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e tudo o mais; e por isso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos fizeram as obras e nós, lendo-as, queremos receber glória e honra.”²

² FF 155

Roma, 4 de outubro de 2015
Solenidade de São Francisco de Assis

16. Alegremo-nos pelo dom destes 26 novos mártires que a Igreja proclama e, com a intercessão da Virgem Imaculada, Padroeira da Ordem, peçamos para nós, frades capuchinhos, um renovado empenho para seguir Cristo na alegria, anunciando a misericórdia e a paz de Deus.

Fraternalmente!


Fr. Mauro Jöhri
Ministro geral OFMCAp

